

NAÇÃO, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO NO AMBIENTE INTELLECTUAL DOS ANOS 50

Aluno: Walmyr Gonçalves da Silva Junior (Cnpq)
Orientador: Luís Reznik

Introdução

Em uma análise dos conceitos de nação democracia e desenvolvimentos na década de 1950, pode-se vislumbrar a tamanho fervor que na intelectualidade brasileira ganha relevância, os conceitos citados, neste período do pós II Guerra mundial. Envoltos a um otimismo, na perspectiva do progresso econômico e industrial da nação, com fim do Estado Novo e depois da constituição de 1946, um ar de prosperidade ganha conotação no meio social, intelectual e político. Esse ar de prosperidades, que sonda a intelectualidade brasileira, projetou dilemas, teorias e possibilidades de se pensar em um modelo para o desenvolvimento da nação, tendo em vista a liberdade de produzir idéias e teorias para estas especificidades, que antes não o podiam. Para melhor pensar nessas peculiaridades dos pensadores e produtores de conhecimento, é necessário pensar, que os mesmos, estão em meio a transformações políticas e sociais, onde a polarização de poder internacional direciona o jogo de relacionamentos, e a associação dos conceitos de nação, democracia e desenvolvimento são recebidos de diferenciadas formas.

Em margem a essas peculiaridades vemos três intelectuais influenciadores de uma perspectiva que direciona a explanação dos conceitos citados acima: Celso Furtado, Anísio Teixeira e Hélio Jaguaribe. O discurso desses autores clássicos do pensamento político e social brasileiro possibilita uma melhor compreensão do modelo de nação que acima citei. Para enfatizar essa análise argumentativa foi de grande contribuição a interpretação dos conceitos de nação, democracia e desenvolvimento dentro dos livros didáticos de História do Brasil do período de 1945 a 1950.

Objetivos

Com a intenção de entender as especificidades dos intelectuais da década de 1950 coube-me analisar o pensador político Hélio Jaguaribe. O discurso deste autor é elucidativo para pensarmos como esses conceitos podem ser compreendidos e

empregados no meio político e social diante do cenário da época. Autor de inúmeros livros e artigos sobre o nacionalismo, desenvolvimento social e político e inúmeros trabalhos sobre orientações para o enfrentamento das crises que ocorreram em sua trajetória política, Jaguaribe foi, junto com outros intelectuais do grupo Itatiaia, fundador do IBESP e, após dois anos, em 1955, o mesmo grupo vai fundar o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiro), Instituto de qual fez parte e auxiliou na sua fundação. Em 1958 Jaguaribe vai publicar a obra “Nacionalismo na Atualidade Brasileira”, muito polêmica e, por isso, desencadeou uma crise interna no ISEB. Após o golpe militar de 1964, Hélio Jaguaribe sai do país e vai dar aula nos Estados Unidos da América. Este período é compreendido como o grande momento de Jaguaribe difundir suas idéias, não só no Brasil, mas agora também internacionalmente.

O objetivo da pesquisa, em um primeiro momento, é o estudo dos conceitos de democracia, nação e desenvolvimento dentro da obra de Hélio Jaguaribe, em especial no livro “O nacionalismo na atualidade brasileira”. O segundo aspecto da pesquisa fica a par da descrição dos respectivos conceitos na obras de outros autores pesquisados por duas bolsistas do grupo de pesquisa. Primeiramente os textos de Anísio Teixeira pesquisado por Claudia Barroso Roquette-Pinto Bojunga, e os textos de Celso Furtado analisado por Amanda Terêncio dos Santos. Tende-se por fim a articular os três conceitos, nação, desenvolvimento e democracia com os discursos dos três emblemáticos intelectuais com os acontecimentos políticos da década de 1950, pensando como eles se aproximam ou distanciam-se, fazendo uma análise comparativa dos conceitos políticos.

Em um terceiro momento, a pesquisa está direcionada para o constructo dos mesmos conceitos, trabalhados pelos emblemáticos intelectuais já citados, mas agora dentro metodologia educativa dos livros didáticos de História do Brasil e pensar como esses conceitos são transmitidos.

Metodologia

A obra selecionada para a análise dos conceitos nação, democracia e desenvolvimento no discurso de Hélio Jaguaribe foi *O nacionalismo na atualidade brasileira*, publicado em 1958, onde se buscou a descrição do autor, para entender em seus argumentos especificidade dos mesmos conceitos analisados. Primeiramente em uma análise descrevendo as palavras chaves das respectivas partes que o livro é dividido (primeira e segunda) e depois no horizonte de expectativas conceituais, pensar como ele

elaborava os conceitos e a articulação de palavras chaves que intrinsecamente, neles, se envolviam. Além desta leitura, foi necessário entender de forma específica a construção da soberania através da criação da Petrobrás. Para isso foi feita uma incursão em textos historiográficos sobre o período. Foi por mim analisado os seguintes autores: Roberto Haddock Lobo e Basílio Magalhães dentro do recorte temporal da chegada da família real em 1808 até a contemporaneidade do autor.

Em uma análise comparativa dos livros didáticos, também sendo analisados pelo grupo de pesquisa para entender a construção dos conceitos paradigmáticos no cenário educacional, é possível encontrar uma explanação dos conceitos de forma subentendida, ou seja, a família de palavras. Deste modo as famílias de palavras que se associa aos conceitos de nação, democracia e desenvolvimento, é muito mais clara do que o uso dos mesmos. Assim temos um nicho documental que possibilita um entendimento dos conceitos que soam a intelectualidade brasileira, na formação escolar do recorte temporal estudado.

A análise dos respectivos matérias está apoiada nas reflexões teóricas de Reinhart Koselleck e J.G.A Pocock na qual o grupo discutiu em reuniões de pesquisas semanais onde falamos sobre os respectivos intelectuais que cada orientando pesquisou e fizemos análise comparativas dos intelectuais descrevendo o desenvolvimento dos conceitos paradigmáticos em seus discursos. Refletimos ainda em outros textos como: “*Que é o Ademarismo?*”, de Hélio Jaguaribe, e “*Significação do nacionalismo*”, de Hermes Lima – ambos publicados em *Cadernos de Nosso Tempo*. Ambos os textos possibilitaram o entendimento do que se refere ao nacionalismo a partir de uma política clientelista, ou em outros termos, o populismo em uma essência concreta.

Partindo de um conceito moderno de nação fica mais claro um outro entendimento que Eric J. Hobsbawn cita, em sua obra “*Nações e Nacionalismo desde 1780*”. Esta obra me possibilitou ter uma base teórica do conceito de nação dentro de uma perspectiva mais modernista, me permite esclarecer que o autor proporciona uma leitura teórica de desenvolvimento do conceito de Nação, vai citar a importância dessa formação nacional por parte da formação historicista e étnico - social:

“o fato de que a nação moderna, seja um Estado ou um corpo de pessoas que aspiram formar um Estado, diferem em tamanho, escala e natureza das reais comunidades com as quais os seres humanos se identificaram através da história”(p.63)

Tal referência remete-se naquilo que Helio Jaguaribe vai falar de uma necessidade de uma formação histórica, geográfica e sócio-cultural, para a evolução e construção de uma nação.

Conclusão

Com uma inclinação para fazer referência sobre o conceito de desenvolvimento e o conceito de Nação, Hélio Jaguaribe define que através de uma política contraditória é presente um nacionalismo paradoxal que impede o progresso econômico e social do país.

A primeira parte do livro “*O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*” intitulada “*os problemas teóricos*” o autor se fixa nos problemas que envolve a formação de um nacionalismo paradoxal e a formação de um nacionalismo que vai gerar a formação de uma nação. A segunda parte intitulada “*os problemas concretos*” é dividida em duas seções: na primeira analisa o desenvolvimento da nação em meio a necessidade de uma soberania econômica e na segunda, uma primazia na valorização da indústria nacional

Em sua visão, Jaguaribe faz referência a uma política de relação com o exterior que proporcionaria um crescimento econômico e que levaria a uma industrialização mais eficaz. No seu ponto de vista, as políticas nacionais não devem se resumir em um protecionismo exagerado, e sim mais liberal, mas deve também se prevenir para não se resultar em um entreguismo das riquezas naturais que encontramos no Brasil. Jaguaribe defende uma política de fins para que a relação com o comércio exterior possa ser moderada, a partir de uma política soberana sendo controlada pelo Estado, sendo que dela possa se construir um equilíbrio das relações com o capital estrangeiro. Para mudar isso, Jaguaribe sugere que o Estado possa se abrir para a entrada de empresas internacionais para investir em nossas terras, que para ele, essa medida é o que vai acelerar o crescimento econômico do país.

Jaguaribe vai defender que a construção nacional, na qual uma determinada comunidade vai viver ou já viveu, no cenário, depende de seu quadro desenvolvimentista, ou seja, ganha relevância nesse cenário, o projeto nacionalista. Tal modelo se é refletido na seguinte citação:

“basicamente, portanto, o projeto nacionalista é algo que, fundado na necessidade de assegurar, mediante um adequado ordenamento político-jurídico, as comuns necessidades econômicas e de defesa, unifica, em dado território, comunidades vinculadas pelos mesmos laços histórico-culturais.”(p.29)

A crítica de Jaguaribe, em sua obra analisada “*O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*”, vai ser, ao dissertar sobre o Brasil, quando tal fica em volta de uma administração que se contradiz, ou seja, é presente uma administração de capitais nacionais e internacionais que não são usado da forma correta e de investimentos também nacionais e internacionais em áreas não tão rentáveis para o país, que forma assim um nacionalismo paradoxal. Em tese protecionista, fica clara, a defesa da utilização única do capital nacional nos maiores investimentos, mas, o autor vai criticar que a formação econômica e desenvolvimentista esta ligada a um monopólio que não se preocupa com o a aceleração do desenvolvimento nacional.

Um exemplo que o autor cita a respeito disso é o problema do petróleo. Os nacionalistas argumentam que:

“somente o capital nacional pode aplicar-se, nas condições requeridas, ao esforço de pesquisa e lavra de petróleo, pois o capital estrangeiro se interessa apenas pelo alargamento de suas reservas de petróleo ou pelas atividades, praticamente sem risco e de rentabilidade mais alta.” (p.109)

Para o autor, isso trará um atraso, pois não é necessário um monopólio das riquezas naturais, mas sim deixar existir na formação econômica, uma livre concorrência que vai gerar um maior lucro para a nação e proporcionara uma industrialização e avanço econômico frente ao seu crescimento financeiro , ou seja:

“para esse efeito, deve-se abolir o regime de monopólio e restabelecer a livre concorrência, em tais condições, no entanto, que se deduza ao mínimo possível a perda de eficiência da Petrobrás e ao máximo possível o volume e a eficiência dos investimentos estrangeiros.”(p.141)

A preocupação de Hélio Jaguaribe com a Nação, é fruto de um olhar mais voltado para o que o país representa para “si” e para as comunidades internacionais. Para Jaguaribe, uma maior participação do setor político social do país, vai atingir uma relação de atuação política no mercado interno e que possibilitará e uma maior atuação no mercado externo, resultando em uma aceleração do desenvolvimento econômico. Essa justificativa de fins é o que o autor vai privilegiar, argumentando que o capital estrangeiro é o que movimenta a economia nacional.

Para Jaguaribe a vantagem do capital estrangeiro está relacionada a um esquema de resultados positivos para o desenvolvimento da nação:

“(…) ocorre que o capital estrangeiro contribui para elevar e melhorar as condições do emprego da mão-de-obra e da oferta de bens” (p.173).

O autor ainda continua em um outro momento:

“(...) ocorre, no entanto, que a questão se encontra mal formulada. O que efetivamente não tem sentido é discutir em abstrato, a favor ou contra o capital estrangeiro, salientando-se seus teóricos efeitos vantajosos ou nocivos, sem saber, previamente, a necessidade que o país tenha de capitais estrangeiros e as possibilidades e condições de seu afluxo para o país.”p.198.

Em um outro momento desta análise, com uma observação comparativa podemos enxergar, em outro intelectual da década de 1950, Celso Furtado, um argumento de defesa de um bem estar social relativo ao que Jaguaribe também se preocupa, para falar de uma democracia, por exemplo:

“no entanto, consiste precisamente em possibilitar, por meio do sistema democrático e do respeito aos direitos dos indivíduos, das minorias e das nações, formas altamente eficientes de coordenação dentro da liberdade.” (p.236).

Para Furtado, é possível um Estado democrático, que vai além de representatividade política; é aquele que permite o desenvolvimento do “homem em sua plenitude”, que oferece condições materiais de vida ao homem, os meios de existir. Para tanto, será necessário não só o desenvolvimento, mas também a transformação do corpo institucional e dos sistemas/padrões econômicos.

Para Jaguaribe, “o principal conflito do nosso tempo, portanto, longe de ser um conflito de civilizações, ou mesmo de valores, é um conflito de poder.” (p.246).

Tendo isso como base partimos para uma comparação com os livros didáticos da década de 1950, tendo em vista que a maior preocupação dos educadores trabalhados, era a valorização do sentimento nacional, que por ventura chama atenção da questão da soberania e dos feitos na história nacional para resgatar esse dimensão autoritária que o poder sugere.

Um exemplo disso é a discussão dos conceitos nos livros de Haddock Lobo e Basílio Magalhães que se refere ao sentimentalismo nacional. Os respectivos autores dos livros didáticos se remetem a uma valorização do herói histórico, onde se frutifica desde a saída da família real um acervo de “brasileiros” que foram ser a vanguarda histórica do país. Roberto Haddock Lobo inicia o capítulo denominado “Independência”, com o seguinte texto:

“A vinda da família real e a elevação do Brasil a categoria de reino despertaram, em milhares de brasileiros, a consciência de que já podiam tornar-se independentes.” (p.135)

Entender essa análise comparativa e aproximativa das famílias de palavras é poder vislumbrar no discurso do autor as elucidações que remetem aos valores passados para os alunos da década de 1950.

Outro argumento que pode ser plausível, no pensar de uma intenção de expressar um sentimento ou até mesmo o conceito, de forma comparativa, é enxergar que o conceito de liberdade está relacionado ao conceito de patriotismo, que se refere também ao conceito de nação, na tentativa de entender liberdade como uma expressão de um nacionalismo.

Dentro do período regencial o autor associa a prosperidade econômica naquilo que entende como desenvolvimento:

“enquanto se processava todos esses acontecimentos, ia se acentuando a prosperidade econômica, principalmente nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, onde as lavouras de café proporcionavam grandes lucros” (p.166)

Na perspectiva de entender os conceitos paradigmáticos e como estão inscritos nos livros didáticos, podemos dizer que o autor enfatiza a luta contra os movimentos antipatriotas pelo Duque de Caxias, e esse é admirado como herói nacional. O livro didático faz uma comparação das intitulações de Duque de Caxias com uma manifestação do conceito de nação. Pode-se observar na citação abaixo:

“convenceu-os a depor as armas, garantindo-lhes a anistia geral e apelando para o seu patriotismo (...) assim conseguiu, não apenas impor a ordem mas restabelecer a paz.” “Foi nossos dias patrono do Exército Brasileiro”. “Duque de Caxias é digno das homenagens que lhe são tributadas. Esse grande chefe, esse famoso estrategista, vencedor de inúmeros combates, tratava sempre os vencidos com justiça e mesmo com bondade” (p.168-169).

Pensando em uma análise comparada, ou até em uma análise na intenção de compreender as famílias de palavras, podemos dizer que o autor do livro didático se preocupou em transcrever a história nacional de forma patriótica, vinculando-a ao progresso:

“O progresso material do Brasil foi grande sem dúvida, portanto este século reflete-se no intenso movimento dos principais portos, dos monumentais arranha-céus e nas majestosas avenidas e praças de nossas capitais, assim como em melhoramento e realização de toda a ordem” (p.202).

E ainda:

“o aproveitamento de todas essas riquezas, pelos brasileiros, em benefício do Brasil, depende, não de patriotismo de palavras, mas no verdadeiro patriotismo que eleva os jovens a desenvolverem ao máximo suas capacidades no sentido de melhor organizar o nosso povo, de se aumentar a quantidade e qualidade da nossa produção, dentro de um ambiente de trabalho, de justiça e de concórdia”.p.202

Com a mesma perspectiva eu analisei também o livro História do Brasil escrito por Basílio Magalhães. Esse não diferente de Roberto Haddock Lobo, faz a menção às grandes personalidades históricas, demonstrando que os autores, muitas vezes, não variam na metodologia de divulgação das idéias e proliferação das culturas e perspectivas políticas dos escritores.

Basílio Magalhães propõe uma leitura positiva da história do Brasil e através dela um mergulho na prosperidade que projeta os seus ideais

Dentro desta implicação, ele cita o período das regências, e destaca a figura do Pe Diogo Antônio Feijó, primeiro regente do novo modelo sugerido pelo Ato Adicional. Na trajetória podemos enxergar os conceitos de democracia, devido a eleição feita para o cargo de regente e pode-se enxergar também aqui o conceito de desenvolvimento por ser precursor de uma união dos principais Estados do país:

“Cumpre-nos, contudo, recordar que, logo nos primeiros dias da regência de Feijó, cogitou ele (decreto de 31 de outubro de 1835) de uma artéria ferroviária, destinada a ligar a capital do Império as capitais de Minas, Rio Grande do Sul e Bahia.” (p.138)

Pe. Feijó, segundo o autor, é quem assegura o Brasil de um naufrágio. Nele podemos observar uma ligação com o processo direto do conceito de nação, ligado a um patriotismo e uma associação do conceito de democracia por se preocupar em tirar o país de um naufrágio.

A exaltação dos personagens históricos ganha mais um integrante, quando o livro didático cita Araújo Lima, para conotar o conceito de desenvolvimento através de e um melhoramento na administração das finanças do Império.

“Além de haver aumentado o numero de escolas primárias, criou o colégio Pedro II (decreto de 2 de dezembro de 1837), tendo sido também fundado(...) o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (21 de outubro de 1838), uma das nossas mais altas e proficuas agremiações culturais” p. 142

Todo esse parecer que se assemelha muito ao parecer de Roberto Haddock Lobo, deixa clara a semelhança dos discursos em defesa de uma positiva construção da sociedade. Vejo que a preocupação dos educadores, a dar uma conotação específica no constructo da prosperidade esperada por Jaguaribe. Deste ideal de cidadão, citado nos livros didáticos e cobrados por Hélio Jaguaribe, liga diretamente o conceito de nação a suas posições políticas de forma que praticada em suas obras, revelam mais uma vez a tentativa de educar pelos valores da historiografia brasileira e das aspirações que circundam a intelectualidade nacional.

Podemos concluir com um trecho de Hélio Jaguaribe:

“O que dá a uma nação um destino próprio, além de outras condições, é a sua capacidade de autodeterminação e o efetivo exercício dessa capacidade.” (p.253)

Referências

JAGUARIBE, Hélio. “*Que é o Ademarismo?*” In: **Cadernos de Nosso Tempo**, n. 2, jan.-jun. 1954.

KOSELLECK, Reinhart. “*Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*” In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 134-146.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Hermes. “*Significação do Nacionalismo*” In: **Cadernos de Nosso Tempo**, n. 4, abr.-ago. 1955.

POCOCK, J. G. A. “*O Estado da Arte*” In: **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003.

HADDOCK LOBO, Roberto. **História do Brasil para a primeira série do curso ginásial**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1952.

MAGALHÃES, de Basílio. **História do Brasil. 1ª série ginásial; 2ª edição; portarias Nº 724, de quatro de julho de 1951 e de dois de outubro de 1951**; ed. Paulo de Azevedo\ Livraria Francisco Alves, 1953.

JAGUARIBE, Helio. **Nacionalismo na atualidade brasileira**. Instituto Superior de estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, 1958.

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Paz e terra. São Paulo, 1990.

FURTADO, Celso. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.